

O Belo como Experiência

José Vieira
Centro de Literatura Portuguesa (UC)
Instituto de Filosofia (UP)

Tudo aquilo que é verdadeiramente belo
não serve para nada (tradução minha)
Théophile Gautier, prefácio a
Mademoiselle de Maupin.

Conta-se que o velho Voltaire dizia que o conhecimento é como uma pequena luz no meio da escuridão. Depois vinha o padre ou o teólogo e apagava essa luz.

Talvez nos dias de hoje Voltaire formulasse a questão de uma outra maneira, e não porque a luz tenha aumentado perante a escuridão - até porque a falsa ou escorregadia e tentadora luminosidade da tecnologia tudo parece engolir - mas antes porque começamos a duvidar da verdadeira capacidade da luz - o conhecimento enquanto experiência.

Mas quero regressar a Gautier e à sua famosa frase “tudo aquilo que é verdadeiramente belo não serve para nada”. É claro que estamos perante uma declaração arrojada e iconoclasta, que pretende causar desconforto e, ao mesmo tempo, levar todos e cada um e cada uma de nós à reflexão. Num mundo do descartável, do superficial, das aparências, da rapidez das relações humanas e das informações, do consumo civilizadamente selvagem, o que é que nos resta enquanto espécie? O que fica de nós enquanto seres humanos? Ficar o dinheiro e a riqueza material que produzimos? Será a fama, a glória do poder político, económico, empresarial que restarão? O que é que é verdadeiramente capaz de superar a morte e o pó do tempo sobre as coisas? O que fica de nós quando já não estamos presentes? Atrevo-me a adiantar uma arriscada ideia: não ficará de nós o modo como vivemos? A intensidade como soubemos amar, perdoar, criar? Neste sentido, aquilo que aparentemente não serve para nada porque não causa nenhum lucro nem gera riquezas aparentes, é o que fica de todos nós.

Permitam-me outro exemplo, desta feita verdadeiramente iconoclasta: George Steiner conta que Flaubert disse, no seu leito de morte, que estava “a rebentar como um cão enquanto a puta da Bovary se preparava para viver eternamente”.

Assim, talvez o que fica do ser humano é a sua obra, a sua criação. A sua experiência do Belo leva, portanto, ao Belo como experiência. É nesse sentido que a rota dos artistas pretende fazer da criação e da obra de pessoas como Amadeo de Souza-Cardoso, Agustina Bessa-Luís, Teixeira de Pascoaes, entre tantas e tantos outros, uma forma de conhecimento imersiva, humanizada e completa. A cultura e o conhecimento podem, devem ser aliados do turismo, mas do turismo cultural, idiomático, imersivo. O turismo que foge aos magotes das máquinas fotográficas e que aposta na imagem das experiências que guardamos na retina e na memória. O turismo que vai aos lugares e bebe a sua ambiência, as suas cores e tonalidades. O turismo que tem por detrás investigação, trabalho científico e intelectual rigoroso e sério. Entrega, tal como um amador- aquele que ama. O turismo que apresenta a possibilidade de uma experiência pessoal, ao mesmo tempo espiritual e de superação, proporcionando a paisagem por onde o artista andou, as casas por onde criou e viveu. Por momentos, essa experiência imersiva da rota dos artistas leva as pessoas ao contacto íntimo com os criadores, experiência pessoal e intransmissível, mas possível de ser partilhada.

Fica o que criamos. E da criação desse mundo surge a possibilidade do Belo que se procura; do Belo que se encontra. Enfim, do Belo que se experiencia.